

PUC
RIO

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Renata Stellmann

A masculinidade na clínica

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA CLÍNICA

Rio de Janeiro
Março de 2007

CTCH Centro de Teologia e Ciências Sociais

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA
DO RIO DE JANEIRO



Renata Stellmann

A masculinidade na clínica

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Andrea Seixas Magalhães

Rio de Janeiro
Março de 2007



Renata Stellmann

A masculinidade na clínica

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia Clínica da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Prof^a. Andrea Seixas Magalhães
Orientadora

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof. Bernardo Jablonski

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Prof. Sócrates Alvares Nolasco
Instituto de Psicologia - UFRJ

Prof. Paulo Fernando Carneiro de Andrade
Coordenador Setorial da Pós-Graduação e
Pesquisa do Centro de Teologia e Ciências
Humanas – PUC-Rio

Rio de Janeiro, 08 de março de 2007

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho em autorização da universidade, da autora e do orientador.

Renata Stellmann

Graduou-se em Psicologia pela PUC-Rio, em 2004, obtendo os títulos de psicóloga e de bacharel em Psicologia. Desde a graduação dedica-se a área acadêmica e a clínica psicológica. Realizou pesquisas nos campos da Bio-Neuro-Psicologia e em Psicologia Social. Seus trabalhos mais recentes focam os estudos de gênero e da masculinidade.

Ficha Catalográfica

Stellmann, Renata

A masculinidade na clínica / Renata Stellmann;
orientadora: Andréa Seixas Magalhães. – 2007.
250 f. ; 30 cm

Dissertação (Mestrado em Psicologia) –
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro,
Rio de Janeiro, 2007.
Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Psicologia clínica. 3.
Masculinidade. 4. Perspectiva construtivista. I.
Magalhães, Andréa Seixas. II. Pontifícia
Universidade Católica do Rio de Janeiro.
Departamento de Psicologia. III. Título.

Para minha família,
sem a qual nada disso seria possível.

Agradecimentos

À minha orientadora, Andrea Seixas Magalhães, por sua parceria e competência nesta nossa jornada acadêmica; pela cumplicidade e amizade que construímos ao longo desses anos.

Aos meus familiares, Mario e Gabi, Andi e Flavinha, Dani e Caca, Bärbel e Paulo, Oma, pelo apoio emocional e material, e pelo zelo constante.

A Professora Terezinha Féres-Carneiro, por me introduzir no campo da pesquisa científica e me apoiar nesta trajetória.

Ao Professor Bernardo Jablonski, pela sua confiança, paciência e parceria nas aulas de Psicologia Social.

Ao Guedes, amigo querido e companheiro da trajetória acadêmica, pela sua cumplicidade e apoio ao longo destes anos, e pela sua ajuda na revisão deste trabalho.

Às minhas colegas de profissão e amigas zelosas, Romina Iebra e Erika Lazary, pela companhia, orientação e apoio na realização deste projeto.

A todas as pessoas que me ajudaram na finalização deste trabalho: Thiene Barreto, Maria Lívia Roriz, Érika Lazary, Márcia Fregolon, Maria Nogueira.

Aos meus amigos, Edna dos Santos, Marina Castilha, Vanessa Cunha, Renata Teixeira, Guilherme Ricardo, Daniele da Costa, Jussara Bernardes, Lívia Roriz, Érika Pallottino, que acompanharam o processo de realização deste trabalho, me auxiliaram, e tornaram os momentos difíceis mais fáceis.

Aos funcionários do departamento, Marcica, Verinha, Rogério, Chico e Val, pela atenção, pelo carinho, e pelo apoio ao longo da minha trajetória acadêmica.

À PUC-Rio e ao CNPq, pelo apoio financeiro e institucional.

Resumo

Stellmann, Renata; Magalhães, Andrea Seixas. **A masculinidade na clínica**. Rio de Janeiro, 2006. 250p. Dissertação de Mestrado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

Este trabalho tem como objetivo investigar os clientes masculinos e como eles têm reagido às recentes mudanças nas relações de gênero, segundo o olhar do psicólogo clínico. Para tanto, realiza-se, inicialmente, uma revisão dos estudos de gênero, dos estudos psicológicos de gênero e dos estudos da masculinidade à luz da perspectiva construtivista. Dado que a maior parte da bibliografia encontrada sobre estes temas é de origem estrangeira, apresenta-se em seguida um capítulo tratando das relações de gênero no Brasil, e os trabalhos desenvolvidos nesta área. Por fim, apresenta-se a pesquisa de campo, realizada com 10 psicólogos clínicos. Os principais resultados obtidos foram divididos em dois grandes temas. O primeiro, “gênero na clínica”, discute a clínica psicológica como espaço construtor de gênero e como os psicólogos vêm realizando isto. O segundo, “as relações de gênero”, discute alguns dilemas presentes no processo de mudança das relações de gênero, e qual pode ser o papel do psicólogo neste.

Palavras-chave

Gênero; Psicologia Clínica; Masculinidade; Perspectiva construtivista

Abstract

Stellmann, Renata; Magalhães, Andrea Seixas. **Masculinity in the clinic**. Rio de Janeiro, 2006. 250p. Master Dissertation – Psychology Department, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The present thesis aims to investigate the male clients and how they have been reacting to recent changes on gender relations, through the psychotherapists' eyes. A theoretical review of existing gender studies, psychological studies of gender, and of masculinity studies, in the light of the constructivist perspective, is done initially. Since most of the available bibliography about those themes is of foreign origin, a chapter about the relations of gender and works developed in this area in Brazil, is presented next. Finally, the research carried out with 10 clinical psychologists is presented. The main results obtained from this research were divided in two main subjects. The first one, "gender in the clinic", discusses the psychological clinic as a space of gender construction, and how the psychologists are doing this. The second one, "relations of gender", discusses some present dilemmas in the process of gender relations' changes, and which may be the psychologist's role in that.

Keywords

Gender; Masculinity; Clinical Psychology; Constructivist perspective

Sumário

1. Introdução	11
2. Gênero	14
2.1. A segunda onda do movimento feminista e o Estruturalismo	18
2.1.1. Os papéis de gênero e os movimentos políticos	21
2.2. O pós-estruturalismo e o surgimento do construtivismo	25
2.2.1. A constituição da identidade em questão	28
2.2.2. A consolidação da perspectiva sociohistórica e a luta feminista contra o sexismo	35
2.3. As recentes discussões nos estudos de gênero	43
2.3.1. A identidade de gênero	45
3. Psicologia de Gênero	54
3.1. Um olhar crítico	55
3.1.1. O essencialismo	58
3.1.2. A crítica construtivista	64
3.2. Além das diferenças	74
3.2.1. O desafio da psicologia feminista	76
3.3. A clínica psicológica	78
3.4. Gênero e emoção	82
3.4.1. Os estereótipos de gênero	84
4. Masculinidade	90
4.1. A masculinidade como objeto de estudo	90
4.2. Os homens e as emoções	104
4.3. A identidade masculina	111
4.4. O homem no século XXI	116
5. Relações de Gênero no Brasil	121
5.1. A família patriarcal	121
5.2. A família burguesa e um novo patriarcalismo	126
5.3. A família moderna	133

5.4. O homem brasileiro no século XXI	139
5.5. Estudos e trabalhos de gênero no Brasil	150
6. A Pesquisa de Campo	155
6.1. Objetivo	155
6.2. Procedimentos metodológicos	155
6.2.1. Sujeitos da pesquisa	157
6.2.1.1. Critério de seleção dos sujeitos	157
6.2.1.2. Consideração sobre o anonimato dos sujeitos	157
6.2.1.3. Perfil dos psicoterapeutas entrevistados	158
6.2.2. A coleta dos dados	159
6.2.2.1. O estudo-piloto	159
6.2.2.2. As entrevistas	159
6.2.3. A análise dos dados	160
7. A Masculinidade na Clínica: apresentação e discussão dos resultados da pesquisa de campo	162
7.1. Apresentação dos resultados	162
7.1.1. Reação dos entrevistados ao tema	162
7.1.2. Concepção de gênero	164
7.1.3. Gênero na clínica	165
7.1.4. As relações de gênero	169
7.1.5. Temas mais comuns na clínica com homens	178
7.1.6. O cliente homem	185
7.2. Discussão	195
7.2.1. Gênero na clínica psicológica	195
7.2.2. As relações de gênero	211
8. A Clínica Psicológica como Espaço Construtor de Gênero	226
9. Referências Bibliográficas	233
Anexo	249

“...os homens são mais obsessivos e as mulheres são mais histéricas...” [Adriano]

“...ele tem uma cabeça muito cartesiana. Ele vem fazer uma terapia cognitiva...” [Elisa]

“Os homens têm como característica maior objetividade. São mais sintéticos ao falarem, viajam menos, assim, em termos de contar vários assuntos e emendar um assunto no outro. Isso é mais característico do feminino do que da clientela masculina...” [Letícia]

“A questão da traição é muito interessante! Nenhum homem, a não ser que tenha um caso muito prolongado, fala na terapia dos casos que tem, casa de massagem, esse tipo de coisa, como uma coisa relevante. Isso não é traição! Não é traição.” [Sabrina]

“Então tá, eu to trabalhando tanto quanto você. Então, como a gente vai dividir isso. Não é porque você ganha mais, que você sustenta a casa, que fica isento, ou livre de contribuir com o trabalho doméstico” [Cláudio]

“... homens que se queixaram da distância afetiva dos filhos, percebendo isso mais como determinado pela atitude dos filhos do que pela atitude deles...” [Rodrigo]

For efficient subordination, what's wanted is that the structure not appear to be a cultural artifact kept in place by human decision or custom, but that it appear natural – that it appear to be quite a direct consequence of facts about the beast which are beyond the scope of human manipulation... That we are trained to behave so differently as women and men, and to behave so differently toward women and men, itself contributes mightily to the appearance of extreme dimorphism, but also, the ways we act as women and men, and the ways we act toward women and men, mold our bodies and our minds to the shape of subordination and dominance. We do become what we practice being. (Frye, 1983, p.34)